



Fotos de Alencar Monteiro

Kuarup, uma das mais belas e emocionantes tradições dos índios do Xingu, foi este ano dedicada a cinco brancos, entre eles o russo Noel Nutels, seu médico e amigo

Kuarup, uma festa para brancos no Xingu

ELIANA LUCENA
Enviada Especial

Os cinco toros de madeira, que durante vinte e quatro horas receberam as homenagens dos índios xinguanos na festa do Kuarup este ano não representavam índios nobres ou parentes seus falecidos recentemente. A festa dos mortos, desta vez promovida por iniciativa de Cláudio e Orlando Villas Boas, reverenciou a memória de cinco brancos, amigos do Xingu. Anteriormente, houve apenas uma cerimônia semelhante, em 1956, quando foi realizado um Kuarup para Leonardo Villas Boas e o marechal Cândido Rondon.

Noel Nutels e o brigadeiro Faria Lima, ao lado dos nomes desconhecidos de Gerald Tabau, Hugo Geminiani e Darcy Cavaleiro tiveram sua festa patrocinada pelos índios iaulapiti, cuja aldeia se localiza nas proximidades do Posto Leonardo, às margens do pequeno rio Tuatuari. Como nas outras cerimônias do Kuarup, os parais, mensageiros da tribo promotora da festa, percorreram durante vários dias as diversas tribos amigas do parque, convidando-as para a cerimônia. Na véspera da grande festa, dia 13, centenas de índios começam a chegar ao local. Muitos já pintados de urucum e jenipapo e usando os adornos guardados para os dias festivos, vão montando seu acampamento nas imediações do Posto Leonardo, onde os iaulapiti já fixaram os cinco Kuarup, debaixo de um toldo de palha.

Junto com os índios, chegam, quebrando a paz do Xingu, os aviões trazendo os civilizados, excitados com a perspectiva de assistirem à cerimônia que só conhecem pela descrição do livro de Antônio Calado. No meio de câmaras fotográficas e de pessoas conhecidas (como a esposa do futuro governador de São Paulo, Paulo Egydio Martins, de Lilia, Kamaiurá, matipu, kukuru, wairá, kalapalo, meinaut e kukuru destilaram impasíveis,

enquanto os iaulapiti distribuíam peixe e beiju para as tribos convidadas. De acordo com a tradição, os promotores do Kuarup, durante a estada dos índios visitantes, arcam com a responsabilidade de alimentá-los. Uma grande pescaria antecede a festa e são estocadas centenas de quilos de carne.

Das tribos que vivem nas imediações do Posto Leonardo, apenas os ixcuamã e os jurunas, já têm esse tipo de experiência. Daí a grande importância de reunirmos todos esses chefes para que eles troquem idéias.

Não vai ser uma despedida minha e de Cláudio, que estamos envelhecendo. Queremos, na verdade, mostrar a eles a grande importância deles manterem suas áreas de reservas. Queremos incentivá-los a se unirem, cada vez mais em defesa do um "país", que é deles. E falar do grande perigo que é transpor essas fronteiras para ir trabalhar nas fazendas vizinhas. Porque trariam para cá males inenunciáveis, não só no campo da saúde, mas também de traços fundamentais da cultura indígena. É claro, o índio vai trabalhar na fazenda, ganhar presentes, que o colocariam em posição de superioridade diante dos outros membros da tribo, e isto é o primeiro passo para a desintegração da cultura tribal. É importante que nós possamos dar ao índio, dentro de sua reserva, tudo aquilo que ele vai buscar na fazenda vizinha. E isso é fácil, porque tudo que ele procura nós podemos oferecer.

"Já foi dito — concluiu Villas Boas — que a existência de índios num estado puro é um privilégio do Brasil, porque toda cultura que desaparece é uma perda de um patrimônio da própria humanidade. Por isso é que existe o Departamento de Minorias Raciais da ONU, que chora e lamenta cada vez que desaparece um traço de uma cultura".

Canato, chefe dos iaulapiti, recebeu todos os visitantes e não escondia o orgulho de ser o anfitrião. Tendo ao lado, em quase todos os momentos, o filho Arutânã — o melhor lutador de "huca-huca" do Xingu — ele presidiu a festa, que teve início na manhã de segunda-feira, com danças e músicas, apresentadas de forma intermitente durante toda a tarde.

A noite, em volta dos cinco toros, as carpideiras choraram os mortos durante várias horas, até que o dia amanheceu anunciando o ponto alto do Kuarup: as lutas e a apresentação das flautas. Nesse momento, os índios não estão mais tristes; as almas dos mortos já estão libertas e foram incorporadas ao Ivat, espécie de céu.

Tomando pelas mãos Cláudio e Orlando Villas Boas, Canato dirige-se até o centro do pátio, de onde Orlando anuncia: "Nós estamos aqui representando a família de Noel Nutels, que foi um grande amigo dos índios do Xingu". Dispostos em semicírculo, os grupos visitantes aguardam o início das lutas, disputadas entre os campeões iaulapiti, matipu e kamalura. Os pais incentivam os filhos lutadores, que se jogam ao chão, deslizando em círculo e emitindo grunidos, enquanto esperam a oportunidade de segurar pelo braço seu parceiro. O campeão é aquele que consegue derrubar o adversário, deslocando sua perna do chão. Os índios, no entanto, se contentam com a vitória simbólica. O simples gesto de segurar a perna já os satisfaz, não sendo obrigatório consumir o golpe.

Depois de duas horas de luta,

os participantes — que disputam "huca-huca" várias vezes seguidas — já estão exaustos. Um deles desmaia de cansaço e outro precisa até de assistência médica: está com excitação psicomotora, segundo diagnóstico do reitor da Universidade do Mato Grosso, Gabriel Novis Neves. O índio tem convulsões seguidas e balbucia palavras incompreensíveis. O médico do posto aplica-lhe uma injeção e ele vai-se acalmado.

Os pequenos incidentes, no entanto, não chegam a comprometer o andamento da festa. A hora mais solene do dia é a de apresentação das imensas flautas — mais de dois metros — que são tocadas pelas diversas tribos. Os grupos apresentam seus tocadores: dois a dois, em trás índias adolescentes, eles percorrem o pátio. O som grave das flautas é acompanhado pelos tocadores e suas companheiras, que marçam o ritmo com os pés. "É uma cerimônia de caráter exorcista", afirma Cláudio Villas Boas, enquanto ouve emocionado o som das quatro flautas que estão sendo tocadas. Nesse momento, o índio conseguiu definitivamente libertar a alma do seu morto.

Ao contrário do branco, ele tem uma posição muito realista diante da morte. Sente a ausência do parente, sofre durante muito tempo, deixa de pescar, de se pintar e de participar de festas. Mas o luto não pode ser eterno, o índio ama a vida e precisa continuar sua luta e, por isso mesmo, é que espera com ansiedade o Kuarup, quando tudo volta à normalidade. Com o descanso merecido do morto no Ivat, ele agora já pode voltar às suas atividades normais e nunca mais repetirá o nome da pessoa ausente. Isso seria sempre uma dor renovada. "Essa atitude do índio, na minha opinião, continua Cláudio, é uma lição que deveria ser absorvida pelo branco, que muitas vezes passa anos a fio vivendo em função de coisas que não existem mais, enquanto a vida continua se desenrolando".

Embora este tenha sido um Kuarup "contratado" pelos Villas Boas, sem obedecer à ríscia a tradição, a festa não foi despojada de toda a sua seriedade. "Não é nenhuma novidade, entre os índios — explica Orlando — contratar o trabalho de outras tribos para homenagear seus mortos. Este trabalho é pago com presentes e o mesmo ocorreu agora. Prometi aos índios, entre outras coisas, carabinas e uma grande rede de pesca". Sem chegar a se irritar com as críticas de que aquele seria mais um Kuarup "para branco ver", Orlando defende: "Até agora, o civilizado impôs seus costumes e tradições ao índio e agora chegou a hora de revermos para o branco as cerimônias índias como o Kuarup, que é uma festa de grande importância social para os índios xinguanos, em que eles se irmanam para chorar seus mortos. Por que não estender essa homenagem ao branco amigo?"

Dos cinco homenageados, os Villas Boas, nesses dias de festa do Xingu, relembraram muito a figura de Noel Nutels, médico sanitário morto no ano passado, que se dedicou ao problema do índio. "Noel foi um defensor excepcional da sociedade primitiva em perigo — afirma Cláudio. Comungando de nossas idéias, ele sempre procurou fazer valer a posição de que o índio não pode ser jogado num processo rápido de ligação com as frentes pioneiras de nossa sociedade, frentes essas totalmente despreparadas para o convívio com os índios, divorciados dos interesses fundamentais, que visam a sobrevivência desses povos de cultura pura".

Orlando Villas Boas, por sua vez, contou episódios pioneiros da vida de Noel Nutels, que, como profundo conhecedor dos problemas da Amazônia, ironizava as soluções simplistas propostas para a área. Contou Orlando que durante um congresso de Medicina, um conferencista defendeu a tese de que as soluções para os

problemas sanitários da região só teriam êxito dentro da iniciativa privada. Ao que Noel respondeu: "Como podemos falar em iniciativa privada na Amazônia, onde a população não tem ainda iniciativa nem para construir uma?"

Nas longas conversas, mantidas nos intervalos da cerimônia do Kuarup, os Villas Boas falaram não só dos homenageados, mas da política indigenista. Já perto dos sessenta anos, eles sentem a ameaça que pesa sobre o Xingu e toda a sua posição antiintegracionista com relação ao problema indígena. Diante de uma platéia fiel, que esporadicamente se reúne no Xingu, os Villas Boas defenderam mais uma vez que os índios formam "uma outra humanidade", com valores próprios e dignos de todo o respeito. "Nós, que durante anos fizemos observações no campo, vemos hoje em dia que a nossa posição é defendida pelos grandes estudiosos, como Levi-Strauss. Em verdade, o mundo civilizado e os povos primitivos constituem duas humanidades, que caminham numa mesma época. Uma em expansão tecnológica e outra, tranquila, estabilizada e equilibrada. É lógico que não conseguiremos nunca, pegar uma sociedade extensa como a nossa e transformá-la numa sociedade equilibrada, como é a do índio. Isso seria uma loucura. Agora, porque essa sociedade, mais preparada tecnologicamente, há de querer absorver essa outra? Seria excesso de humanidade ou interesse imediato pela mão-de-obra barata e terra fértil que essa pequena comunidade ocupa?"

É claro que é isso que justifica o ponto de vista do presidente anterior da Funai, que dizia: "É preferível um pedreiro, um serralheiro e um pintor — a mais, do que um índio nu dentro da mata". O general Bandeira de Mello nunca vai compreender o que é um índio nu dentro da mata; para ele, representa uma mão-de-obra imediata e barata, explorativa e fácil".

A civilização vai encontrar o índio do Xingu hoje despreparado. Esse preparo não pode ser feito da noite para o dia. É preciso que seja um processo natural, é preciso que haja um respeito à pessoa do índio e à sua terra. Realmente, eles estariam despreparados se amanhã nós invadíssemos essa área toda implantando projetos de colonização que realmente causariam um grande choque à cultura do índio. Mas isso não pode acontecer e é por isso que nós contamos com o respeito da Funai, para que as áreas indígenas sejam preservadas. Não só o Xingu, mas o Arupunã e outras áreas onde ainda sobrevivem tribos em estágio de cultura pura".

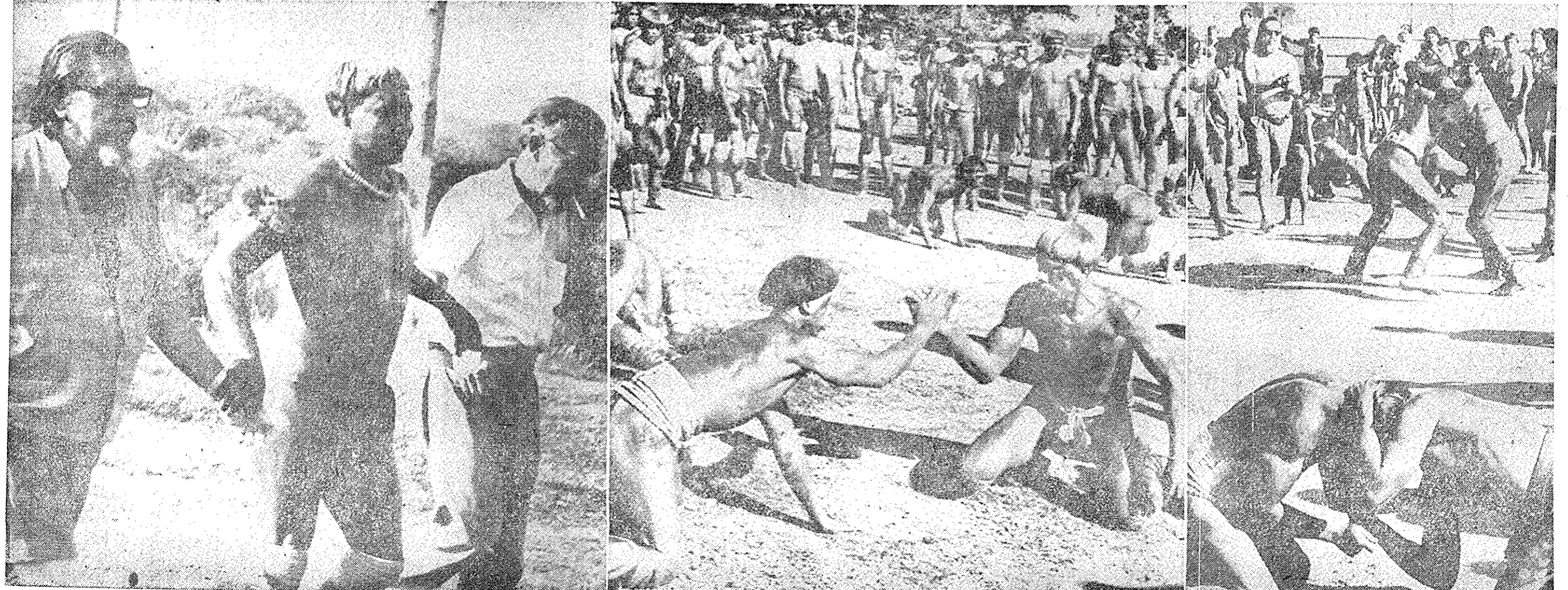
"Nós achamos — afirma Orlando — que o processo de aculturação, bem conduzido, não destrói os valores dos grupos tribais. Vocês vêm o índio, hoje, no Kuarup, pintados, mas se vocês ficarem aqui amanhã estes mesmos índios aparecerão para vocês vestidos. O processo aculturativo não é destrutivo".

"Como próxima etapa de nosso trabalho — continua Orlando — eu e Cláudio pretendemos realizar um congresso de índios, aqui no Xingu, dentro de algumas semanas. Isso está até na moda. O Paraguai já realizou um e o Canadá programou outro, que contará com a participação só de índios. Vamos reunir todos os chefes xinguanos e alguns das áreas limítrofes, índios sofridos, como os karajás, os

xavantes, gorotires, que já enfrentaram as pressões dos grupos civilizados. Nós temos aqui, no Xingu, índios que nunca sofreram invasões de terra e que não podem acreditar que possa ocorrer esse tipo de problema. Outros, como os karajá, os Ixcuamã e os jurunas, já têm esse tipo de experiência. Daí a grande importância de reunirmos todos esses chefes para que eles troquem idéias".

Não vai ser uma despedida minha e de Cláudio, que estamos envelhecendo. Queremos, na verdade, mostrar a eles a grande importância deles manterem suas áreas de reservas. Queremos incentivá-los a se unirem, cada vez mais em defesa do um "país", que é deles. E falar do grande perigo que é transpor essas fronteiras para ir trabalhar nas fazendas vizinhas. Porque trariam para cá males inenunciáveis, não só no campo da saúde, mas também de traços fundamentais da cultura indígena. É claro, o índio vai trabalhar na fazenda, ganhar presentes, que o colocariam em posição de superioridade diante dos outros membros da tribo, e isto é o primeiro passo para a desintegração da cultura tribal. É importante que nós possamos dar ao índio, dentro de sua reserva, tudo aquilo que ele vai buscar na fazenda vizinha. E isso é fácil, porque tudo que ele procura nós podemos oferecer.

"Já foi dito — concluiu Villas Boas — que a existência de índios num estado puro é um privilégio do Brasil, porque toda cultura que desaparece é uma perda de um patrimônio da própria humanidade. Por isso é que existe o Departamento de Minorias Raciais da ONU, que chora e lamenta cada vez que desaparece um traço de uma cultura".



Canato, chefe dos iaulapiti, leva Orlando e Cláudio Villas Boas ao pátio para o início da cerimônia entremecida pelas lutas de huca-huca, da qual só participam os campeões